

A NATUREZA AUTORREGULADORA DOS PROCESSOS INVOLUNTÁRIOS

Saudações, meus queridos amigos. Que vocês possam encontrar bênçãos através do auxílio, força e esclarecimento que estas palestras podem lhes dar mais uma vez. Esta última palestra da estação será um sumário e ao mesmo tempo lançará luz sobre o próximo passo que precisa ser dado – se não em ação concreta, pelo menos em perspectiva e em compreensão de para onde vocês se dirigem e porque permanecem presos de certa forma. A presente palestra resume o período que fica para trás e ao mesmo tempo traz um vago conhecimento prévio dos passos que devem ser dados no próximo estágio do nosso trabalho conjunto. Claro que alguns de vocês têm que dar mais alguns passos antes que possam discernir o seu real significado; não obstante, um esforço para compreender, não apenas com a mente, mas também com o coração, tornará muito mais fácil o que está por vir em seu caminho de autodescoberta.

Resumindo mais uma vez e talvez com uma abordagem diferente, o objetivo da autorrealização é trazer para a realidade todos os potenciais adormecidos. Significa integrar o ego com processos até então involuntários. O ego consiste da faculdade exterior de raciocínio e da faculdade da vontade. Os processos involuntários compreendem sentimentos, intuição e mais certas manifestações que operam de acordo com os fundamentos mais significativos e legítimos da vida. Ninguém que não tenha se aproximado do limiar da autorrealização pode captar a maravilha e a beleza dessa parte da criação.

A batalha humana é se apegar às faculdades do ego. Isto se dá porque o ser humano teme desesperadamente os processos involuntários. Ele teme tudo o que diz respeito a estes, de forma consciente e inconsciente. Ele teme a espontaneidade dos seus sentimentos. Ele pode ignorar este fato por acreditar que algo é um sentimento, quando meramente registra uma sensação ou uma reação ao meio que o cerca. Algo que não é espontâneo e involuntário, que é diretamente e não indiretamente governável pelos processos do ego não pode ser legitimamente chamado de sentimento.

Porque o homem teme os processos involuntários? Porque na verdade, os teme mais que praticamente qualquer outra coisa na vida, quando o melhor da vida é resultado do processo criativo involuntário? Nada que tenha realmente valor, que seja realmente significativo e satisfatório, de valor duradouro pode ser produto de funções do ego, do controle direto do ego. Por que o homem é inclinado a destruir, dominar, negar e manipular a vida criativa que são os processos involuntários e substituí-los pelas faculdades do ego muito menos adequadas, menos sábias, ricas e criativas que não passam de partículas isoladas da consciência maior que opera através das funções involuntárias? Antes de responder a essa questão apontarei, também para o benefício de alguns novos amigos aqui pela primeira vez, que esse exercício excessivo de controle do ego e a negação dos processos involuntários criam um tremendo desequilíbrio na personalidade. Criam enfermidade ou caso prefiram, neurose em grau maior ou menor dependendo de quanto o ego controla a vida criativa interior. O homem parte da premissa – frequentemente de forma consciente ou pelo menos semiconsciente,

mas jamais de forma totalmente inconsciente – de que é mais saudável se exercer controle sobre seus processos involuntários. Essa concepção errônea faz com que ele se dirija em sentido mais oposto possível ao seu equilíbrio interior, à realização dos seus melhores potenciais, à rica plenitude da vida em todos os níveis do seu ser e ao bem-estar saudável. Para alcançar tudo isto deve reverter a direção. Quanto mais se inclina a controlar e dominar os processos involuntários internos e quanto mais teme a estes últimos, mais conflitos terá, mais infeliz se torna e mais vazia será sua vida. De fato, se torna nada mais que uma casca vazia e sem vida mantida por rígidas defesas que jamais ousa abandonar. Entra em um círculo vicioso: quanto mais força na direção equivocada mais se perde em sua vida; mais problemática se torna a sua vida, menos capaz será de viver sua vida. Uma vez que acredita que isso resulta de um controle insuficiente por parte do ego tenta aumentar esse controle em lugar de reduzi-lo, envolvendo-se ainda mais profundamente nesse círculo vicioso. A única forma de reverter esse quadro como foi mencionado seria abrir mão da rígida vigilância que exclui toda a vida criativa interior e usar as faculdades do ego de outra maneira que explicarei resumidamente.

As funções involuntárias que devem ser chamadas à ação estão operativas o tempo todo. Voltando à questão de porque o homem teme os processos involuntários, temos que considerá-la em dois níveis fundamentais. Quando está envolvido no círculo vicioso que acabei de mencionar, é porque baseia certas conclusões a respeito da vida e da sua relação com esta em ideias falsas. Estas são frequentemente inconscientes e formam as imagens de que já falamos. Essas concepções errôneas, profundamente alojadas na substância da alma compelem o ser humano a agir de acordo com essas premissas. Uma vez que as premissas são falsas, as ações e emoções derivantes são inevitavelmente destrutivas e dirigidas para a defesa de algo que não existe. Portanto, os resultados são opostos ao que ele realmente deseja. Resumindo, age contra os seus próprios interesses. A substância da alma é uma usina de energia, de poder infinitamente maior do que o homem remotamente se dá conta. Quando um indivíduo é levado a agir de acordo com essas imagens, o poder é usado negativamente. Quando o homem está livre de ilusões e concepções errôneas e se encontra, portanto, em contato com o seu Eu Verdadeiro, com um nível de realidade cósmica, o poder em ação é construtivo e positivo. Este poder é tão altamente carregado que qualquer coisa pode ser moldada com ele. Ele é força criativa por si. Mas, é neutro no sentido de que só pode ser usado, só pode fluir na direção que a mente e seus conceitos estabelece. Assim, o poder opera automaticamente. Parece acontecer por si mesmo. As ideias incrustadas, não mais ativas embora permaneçam nos arredores, agem como força motriz do poder e as ideias tornam-se autoperpetuadoras. Estas encontram a sua manifestação externa nos eventos criados pelas ideias.

Uma pessoa que ainda é inconsciente daquilo em que realmente acredita, e também das leis da vida, ignora essas conexões e pensa que os eventos nada têm a ver com as suas ideias. Ela ignora o poder criativo que existe em si mesma e que este está disposto de forma a agir negativamente em sua vida. Um caminho como o nosso Pathwork destina-se a trazer à luz essas ideias e imagens inconscientes. Elas são realmente inconscientes, para começar. Uma vez, porém, que você descobre que abriga, lá bem no fundo, equações e conclusões que são completamente contrárias às suas razões e à sua inteligência consciente, começa a perceber que instituiu, com essas conclusões agindo sobre a energia vital criativa, processos involuntários que são destrutivos. Uma vez que a energia capturada nessas imagens opera de acordo com as convulsões das imagens, o processo involuntário, inconsciente é destrutivo.

A mente consciente é um instrumento das percepções e conexões inconscientes que realmente existem, mas só pode traduzi-las de forma nebulosa. Quer dizer, quanto mais a pessoa tem consci-

ência dos processos internos e até então inconscientes, mais exatamente ela irá compreender as “mensagens” que lhes chegam. Mas quando um indivíduo ainda é impelido por imagens inconscientes, e é, portanto impulsionado pelos processos involuntários negativamente operacionais, ele não tem opção senão temê-los. Por conseguinte, em um nível o medo é explicado pelo fato de que grande parte dos processos involuntários do ser humano o conduz para experiências negativas, devido à presença de falsas ideias inconscientes. Ele teme simplesmente essas forças involuntárias autoperpetuadoras. Ele não é capaz de explicar por que. Ele ignora que essas forças só são perigosas ou negativas porque operam de acordo com algumas das próprias ideias. Ele ignora o fato de que uma vez que essas ideias sejam desafiadas e que se provem falsas, o mesmo poder autônomo passa a ser digno de confiança. Em lugar disso, a sua solução é não confiar em quaisquer processos involuntários e proteger-se contra eles por meio de uma estrita vigilância, levada a efeito com o uso das faculdades do ego. E mais, ele ignora o quão prejudicial é essa “solução”. De fato, a pessoa média não tem qualquer ideia do que está fazendo e porque.

A pessoa que segue um caminho de autoconfrontação inevitavelmente descobre as suas conclusões, incrustadas e até então inconscientes, acerca de importantes aspectos da vida. Gradualmente ela começa a dissolver essas imagens através do reconhecimento e instalando ideias verdadeiras na substância da alma. Ela começa a observar o poder dessas imagens, da energia nelas envolvidas, da natureza automática, involuntária, dessas energias. Pouco a pouco, através dessa compreensão e observação, você pode recriar conclusões corretas. Elas então começarão a trabalhar construtivamente para você. Prossegue-se daí para liberar novas correntes de energia que se movem de acordo com uma lei maior. Você jamais precisa temê-las.

Todavia, quando isso começa a acontecer, quando as imagens foram encontradas e começaram a ser dissolvidas em certa medida, quando a autoaceitação e a observação trazem uma nova compreensão e harmonia para a vida interior, você ainda, nesse ponto, se descobre temerosa dos processos involuntários. E isso nos traz ao segundo nível da questão. A esta altura, você pode ter chegado a compreender estes preceitos em teoria: que os processos involuntários não precisam ser destrutivos, que eles só o são de acordo com as suas concepções errôneas ocultas. Contudo, na realidade, você ainda teme as forças involuntárias autoperpetuadoras. Você ainda crê que precisa defender-se contra elas. Para ajudá-lo a prosseguir desse ponto, no qual muitos se encontram agora, as palavras que se seguem podem ser exatamente o que você precisa, contanto que trabalhe com elas. O sumário do material passado, abordado dessa forma específica, foi necessário para conduzir ao que vem agora. O próximo passo é este: como você pode começar a confiar nos processos involuntários? Como estar certo de que, mesmo depois de dissolver a falsa conclusão que formou certas imagens, a energia fluente então disponível não o levará também ao perigo e à destruição, uma vez que você abra mão do estrito controle do ego? A menos que você confie nos processos involuntários, o exagerado controle do ego não pode ser abandonado e você jamais pode convencer-se da natureza benigna dessas forças criativas no seu próprio interior. Processos involuntários produtivos e criativos não podem tornar-se operantes enquanto você não os encorajar; enquanto você não os desejar e não se entregar a eles. Se você não se soltar e permitir que eles aconteçam e não fizer com que todo o seu ser o deseje, jamais pode experimentar a prova do caráter confiável dos processos criativos involuntários, contidos em toda alma humana. Para chegar a esse ponto, devem ser feitas certas novas considerações para explicar porque é possível confiar nos processos involuntários.

As palavras que falarei agora são destinadas a abrir nova compreensão a esse respeito. Eu percebo, e espero que todos vocês percebam, que não é suficiente só ouvi-las. Elas precisam ser toma-

das muito seriamente, é preciso dar-lhes muita atenção com o seu ser mais íntimo, com as suas melhores intenções e sua melhor vontade; é necessário que você se abra completamente, abandonando as defesas que o fazem tão fechado para novas ideias que parecem ameaçá-lo e tão propenso a rejeitá-las. Quando o controle do ego é muito intenso, essas palavras podem realmente parecer ameaçadoras. Aquilo que é salvação parece ser perdição. Você lutou contra essa direção por toda a sua vida. Agora lhe dizem para fazer exatamente o oposto daquilo que você pensava que era necessário fazer. Não é possível imaginar que isso vá dar certo.

Mesmo aqueles que têm estado engajados neste Pathwork por algum tempo e que realmente fizeram importantes progressos não acham fácil cruzar o portal e chegar ao estado mental que confia no que até agora era a coisa mais ameaçadora: os processos involuntários da vida em seu próprio interior. Eles também têm que lutar contra um controle muito estrito por parte do ego, no qual a razão e as vontades abafarão os processos involuntários.

Agora, meus amigos, a única maneira de confiar nesses processos involuntários é perceber que eles são autorregulados tão perfeita e completamente quando todas as suas funções biológicas, que dão como certos e cuja natureza autorreguladora jamais lhes merece sequer um pensamento. Não ocorreria a ninguém querer regular a sua corrente sanguínea, seu sistema nervoso, seu batimento cardíaco, o funcionamento do seu fígado, ou qualquer outro órgão interno. Eles fazem o seu trabalho perfeitamente por si mesmos. Não lhe ocorreria tentar controlá-los e governá-lo através dos seus processos racionais externos e da sua vontade. Caso tentasse tal coisa, isso certamente só causaria problemas, pois a pressão exercida com o poder da vontade desperdiçado, a energia desperdiçada, terminaria por afetar o bom funcionamento dos seus órgãos de forma negativa. Toda energia desperdiçada tem esse efeito. Essa é a base de toda doença física. Os órgãos afetados dependem da sua resistência inata à enfermidade, da sua saúde inerente. As pessoas nascem com alguns órgãos que são mais resistentes ao abuso. Apesar de um consistente abuso corporal, eles continuam a funcionar por um tempo considerável. Outros são muito mais delicados e começam a ceder muito cedo, quando a menor coisa está errada. Retornando a essa analogia, a tentativa de controlar algo que não é acessível ao comando do ego, só pode criar desequilíbrio, pressão, tensão, ansiedade e finalmente manifestar efeitos negativos. Isso se aplica não apenas ao corpo, mas a todos os níveis da personalidade. Quando começa a concentrar-se no fato que não tem que exercer qualquer força de vontade, qualquer pressão com as faculdades do seu ego para que as suas funções biológicas operem da sua forma perfeita, então você pode ser capaz de ver que o mesmo se aplica a outros níveis. O mesmo princípio de autorregulação se faz presente na natureza, em cada aspecto possível. Mas você tem que usar o seu ego de forma a nutrir e cultivar hábitos saudáveis para manter os processos involuntários e autorregulados. Essa é a tarefa do ego. Ele tem a possibilidade de escolher hábitos saudáveis para o corpo. O ego tem a possibilidade de escolher cuidar do corpo de modo a manter a saúde. Mas seria pura loucura do ego usar pressão direta para controlar as funções que não reagem dessa forma direta, mas apenas de forma indireta pela escolha de hábitos relativos à alimentação, ao repouso, exercícios, etc.

A mesma relação, meus amigos, existe entre o ego e os processos involuntários da vida emocional, das funções criativas internas, da direção que a vida do indivíduo tomar, como um todo. Esses processos involuntários são tão perfeitos e significativamente regulados, segundo procedimentos legítimos, quanto os biológicos. Se o ego não interfere, a autorregulação ocorre sem esforço e de forma natural. Novamente, o ego tem o seu papel a cumprir. A sua missão é escolher hábitos saudáveis concernentes à atividade da mente, de modo a estabelecer a direção adequada. A mente humana

pode cultivar pensamentos sombrios que encorajam emoções destrutivas. Ou ela pode escolher de forma honesta para com a personalidade, ela pode escolher desmascarar todos os enganos anteriores. Pode livrar-se de todas as ilusões nutridas pelo indivíduo a respeito de si mesmo e olhar para si honestamente. Pode determinar que o indivíduo aceite a si mesmo onde está e como é agora e que abandone a versão idealizada do Eu que ele tenta manter. Esses são os hábitos saudáveis necessários para que os processos involuntários sejam indiretamente afetados e, portanto, funcionem de maneira confiável. Então a sua natureza autorreguladora pode revelar-se. A tentação de evadir da verdade do Eu deve ser tão rigorosamente superada quanto o rigor do ego deve ser abandonado. É assim que o equilíbrio pode ser restabelecido na personalidade.

O cultivo de tais hábitos mentais saudáveis que o ego escolhe pode ser comparado com o nível físico. Da mesma forma que o corpo responde favoravelmente quando é tratado construtivamente, assim o faz o nível no qual os sentimentos e a intuição criam condições e experiências de vida. Quando o ego não mais dominar esses processos involuntários, a intuição dará uma nova segurança e ajudará a lidar com a vida. Os pensamentos virão dos mais profundos recursos do plexo solar, em lugar dos processos de pensamentos volitivos e artificiais aos quais o homem está acostumado quando super enfatiza o intelecto. Ele está acostumado a esse desequilíbrio sem sequer saber o que faz e o que perde.

Quando a natureza autorreguladora é experimentada, os processos involuntários se integram com as funções do ego. Então, e só então, a vida pode ser verdadeiramente satisfatória e rica. Existe uma nova liberdade para receber o que vem de dentro. A vida está sendo vivida de dentro para fora, por assim dizer. Isso é autorrealização. Então o indivíduo pode ver como esses processos involuntários são em sua saúde tão confiáveis e autorreguladores quanto um corpo funcionando de forma saudável. Uma vida plena e integrada é absolutamente impossível se essas faculdades involuntárias não recebem permissão para existir.

Quantas vezes vocês dizem: “Mas se eu ceder, se eu abrir mão do controle do ego, o que acontecerá? Meus sentimentos podem querer algo que é destrutivo ou que eu desaprove.” Eu continuo dizendo sempre e sempre que isso é bem possível. Desejos não saudáveis e emoções negativas existem mesmo. É resultado das distorções, imagens, concepções errôneas, dos equívocos de experiências dolorosas do início da vida que não precisam destruir a sua vida só porque conceitos gerais foram construídos em torno delas. A existência desses desejos e emoções não muda simplesmente porque você reconheceu o que na verdade sempre esteve lá, só que você nunca o admitiu. Somente depois de admitir a presença de material indesejável – desejos e emoções presentes em seu interior – é que você poderá experimentar os igualmente presentes, porém ainda profundamente ocultos, sentimentos construtivos, poder positivo inerente à sua natureza mais profunda. Estes últimos sentimentos têm a sabedoria autorreguladora contida em sua própria existência da mesma forma que as emoções e conclusões destrutivas se tornam autorreguladoras em seus reflexos automáticos impostos a você.

Uma vez que permite a entrada total do material negativo em sua consciência deve logo enxergar o poder do material construtivo existente em seu íntimo. Então, descobrirá aquilo que eu também continuo a mencionar: que o homem tem mais medo ainda do seu poder positivo do que de todos os sentimentos e desejos negativos. Qualquer um que vá fundo o suficiente neste Pathwork de autoconfrontação não pode evitar a descoberta dessa verdade, não importa quão absurda e ilógica pareça a princípio.

Se você teme forças construtivas em seu interior é, novamente, porque ignora a natureza autorreguladora do fluxo cósmico que constitui cada sentimento construtivo. Deixar-se levar por ele parece arriscado, perigoso mesmo. Nessa fase em particular o seu medo vago ou mesmo distinto, uma vez que se torna consciente é: “Para onde isto me levará? Para onde irei daqui? O que isso me levará a fazer? Perderei a minha identidade, perderei o controle.” Os bons sentimentos parecem ser ainda mais ameaçadores que os negativos no que diz respeito à perda de controle e individualidade. Também existe o medo de que os bons sentimentos possam ser dirigidos para alguém que não os mereça, que não os corresponda da mesma forma, que os rejeite, que os fira e tire vantagem. Essas podem ser objeções válidas, mas apenas no que tange o objeto de afeição; jamais justificam a negação dos bons sentimentos. Pois, se a escolha do objeto de amor for inadequada é precisamente um resultado de imaturidade, ilusão, falta de percepção de si mesmo, portanto, dos outros. É uma fase temporária de crescimento. Este é interrompido quando os sentimentos são barrados. Se o sentimento tem permissão de funcionar na consciência de que tem que crescer para alcançar a sua natureza confiante e autorreguladora, então produzirá, sem dúvida, a satisfação que não mais precisa ser mais temida que a frustração. A escolha de objetos de amor que são insatisfatórios e frustrantes, ou que até produzem dor, expressam o estado dividido da direção interna do indivíduo: ele quer o sentimento e não o quer; ele deseja a satisfação e a teme. Precisamente por causa desse estado conflituoso, advém a experiência que parece confirmar o medo de abrir mão do controle do ego e de confiar no fluxo de processos involuntários, de sentimentos espontâneos. A experiência difícil nunca é uma prova de que os sentimentos não são confiáveis, mas apenas uma prova de desejos conflitantes e da ignorância do fato de que os sentimentos, a intuição, os pensamentos espontâneos e a inspiração, os processos criativos, submetem-se à sua lei de crescimento como qualquer outra parte do organismo humano. Quando essa parte da natureza humana está plenamente crescida, a qualidade autorreguladora se manifesta cada vez mais. O indivíduo está autorrealizado. Então ele vive no nível do verdadeiro, onde a vida é toda boa.

Mas, o homem teme a entrega total aos processos involuntários, portanto não pode descobrir a perfeição da lei autorreguladora. Como são agora na maioria, vocês ainda tem medo de se entregar. Vocês temem a entrega, embora anseiem por ela. Vocês a temem e desconfiam dela, embora compreendam teoricamente a verdade. Podem reconhecer claramente a tensão com que recusam se soltar. Consultando seu motivo emocional, irracional para conter os processos vitais e criativos interiores e desconfiar deles podem terminar com o sentimento de que esses processos são caóticos, que apenas o seu ego é organizado e seguro. Esse sentimento é, novamente, devido à ignorância da natureza autorreguladora dos processos vitais criativos. O reconhecimento desse fato deve ajudá-los a chegar mais próximos da vida real que vive em si mesma a partir do seu interior.

Um auxílio adicional será compreender claramente que existe uma forma prejudicial de soltar e a sua versão distorcida como existe uma versão distorcida e prejudicial de disciplina. A autorrealização, a plena exteriorização, do que uma pessoa tem de melhor, a integração das funções do ego com os potenciais altamente criativos ainda adormecidos e involuntários, só podem ser produzidos através de constante avaliação e teste de uma disciplina relaxada, alternando-se com soltura (entrega) adequada. Nenhuma dessas atitudes jamais pode ser prejudicial se a seguinte chave for observada: autorrevelação, autoconfrontação e um caminho totalmente verdadeiro. Nada de perigoso pode jamais acontecer desde que todas as ilusões acerca do Eu sejam rigorosamente abandonadas. Esse é o caminho perfeito, onde a disciplina e a entrega trazem uma harmonia que reconcilia estas duas atitudes aparentemente opostas.

Quando a disciplina está sendo usada contra a entrega porque soltar a vigilância do ego significa o reconhecimento de fatos que o indivíduo não quer encarar a respeito do Eu, fatos que contradizem ilusões acariciadas a respeito do Eu, a disciplina se torna um rígido confinamento do processo criativo. A personalidade se torna rija, sem espontaneidade, vazia de sentimentos reais, presa a regras e regulamentos externos, tensa e temerosa. A disciplina é usada contra a verdade, não a favor da verdade. É isso que torna opostas a disciplina e a entrega. Da mesma forma, a entrega se torna destrutiva quando é usada para fugir da verdade: quando ela é resultado da autoindulgência, do cultivo de uma linha destrutiva de menor resistência, da manutenção de atitudes não sadias. Então, a entrega realmente leva a um afastamento do Eu e de fato torna-se tão perigosa quanto o tipo errado de disciplina. Ambas essas distorções criam uma grossa muralha defensiva na substância da alma, pois ambas desejam evitar a verdade sobre o Eu. Existe uma tensão interna, uma rigidez que separa a personalidade do Eu Verdadeiro, que possui todas as vibrantes energias, a criatividade, e uma riqueza de sentimentos fortes e saudáveis, além de uma flexibilidade suficiente para lidar com qualquer coisa. Em seu lugar há uma fragilidade e uma necessidade de fuga e uma necessidade de ser temerosamente separado, super controlado e rígido.

Quando o peso da falsa disciplina impõe uma estrutura demasiada, algumas personalidades entram em colapso. A tensão se torna grande demais. Outros tipos de personalidade escolhem como “saída”, a evasão através da indulgência. Particularmente nos tempos atuais, esta é uma ocorrência frequente. Isso comumente acontece sob o disfarce da entrega real. Quando olhar para o Eu torna-se muito doloroso, desconfortável ou pouco lisonjeiro e quando a rígida disciplina excessiva não funciona mais ou quando é rejeitada logo de início, a evasão pode finalmente levar ao vício das drogas em uma pessoa; outra pode tornar-se irresponsável. O que a princípio apenas era uma fraqueza assume maiores proporções; perpetua a si mesma, até que a personalidade realmente se perde. Parece que não pode mais parar o processo. Esta pode mesmo glorificá-lo sob vários rótulos e pretextos – da mesma forma que a pessoa super disciplinada glorifica seu caminho.

Aquele que por medo é super controlado e rígido usará o exemplo do oposto crasso – a pessoa totalmente fraca, autoindulgente, o irresponsável, vagabundo, aquele que nega toda a disciplina, toda a responsabilidade – como um aviso para justificar seu controle exagerado. Ele dirá: “Veja, isso é o que acontece quando alguém não se controla. Eu não posso me dar ao luxo de me entregar, poderia terminar da mesma maneira.” Por outro lado, o indivíduo permissivo para consigo mesmo que foge da honestidade para consigo, tanto quanto a pessoa excessivamente controlada alegará a justeza do seu rumo com base no exemplo da pessoa rigidamente controlada que perdeu o contato com a sua própria vida. A “solução” do permissivo não está mais em contato com o Eu Verdadeiro que o seu extremo oposto.

É muito importante meus amigos, tomar consciência dessa gangorra que existe em vocês. Deem-se conta dos extremos formados pela pessoa fortemente guardada, supercontrolada, rígida, sem espontaneidade, sem sentimentos, super vigilante em oposição aqueles que fogem do Eu abandonando toda a disciplina. O fator coesivo que torna impossível qualquer perigo, que remove todas as ameaças, que combina os aparentes opostos da disciplina e da entrega é a vontade sempre renovada de ser verdadeiro para com o Eu; de enfrentar o que for o Eu; de dar o melhor de si para a vida – toda a honestidade, integridade e construtividade, toda a mais sincera e total atenção. Quanto mais isso se torna arraigado, menos motivo para medo existe na entrega e menos é preciso defender-se contra o que for. Assim, um ser relaxado e espontâneo é um com o fluxo cósmico da vida.

Na medida em que o medo dos processos não volitivos da vida interior ainda existe e na medida em que estes ainda não são confiáveis, ignorando-se a sua realidade autorreguladora, na mesma medida ainda existirão o engano, a vontade de ser destrutivo e negativo e um desejo de trapacear com a vida. Ao contrário, na medida em que uma pessoa cultiva a atitude de: “Eu quero olhar a verdade cara a cara, qualquer que seja, sob quaisquer circunstâncias, em todos os momentos e qualquer que seja a dificuldade momentânea,” o medo da boa vida deve desaparecer. Quando essa verdade, essa coragem e essa humildade são praticadas e gradualmente tornam-se uma segunda natureza, não há nada a temer e toda a insatisfação cessará. Por humildade quero dizer saber que você não conhece todas as respostas. Não presumas, não diga “é isto ou é aquilo”. Não é assim e, mesmo que seja, existe mais do que você sabe agora. Se soubesse tudo, estaria em harmonia com a vida, não haveria angústia, amargura, medo, vazio. Quando esse compromisso com a verdade é cultivado, não apenas uma vez, mas todos os dias; quando leva em consideração que existem muitos aspectos em você mesmo, bem no fundo, aspectos da sua relação consigo mesmo, com os outros e com a vida que são desconsiderados; quando você se estende e expande em uma busca relaxada por respostas que venham do seu interior; quando você usa as faculdades do seu ego e da sua vontade, sua disciplina, para envolver o seu ser total, no que quer que faça nessa busca de si mesmo para achar as respostas para qualquer assunto que esteja em questão; quando você cultiva a verdade e um envolvimento construtivo total no qual dá o melhor de si, de sua atenção e honestidade; quando essa disciplina é cultivada, então nada tem a temer da entrega. Quando você realmente quer dar o seu melhor ser total a tudo que faz, nada tem a temer dos processos involuntários. Por que então você se convencerá da profunda e significativa legitimidade da sua natureza autorreguladora que simplesmente se cuida sozinha. Você será capaz de fluir na grande torrente cósmica. Você descobrirá a maravilha da vida, a maravilha do seu Eu mais íntimo.

Uma vez que concentre nisso a sua atenção, você verá em que medida ainda recusa essa honestidade, essa integridade e também o desejo de dar seu Eu positivo, seu melhor a uma situação ou a um aspecto da vida. De fato, precisamente nas áreas de infelicidade há a vontade de ser negativo e destrutivo, de trapacear, desafiar, fingir, de não dar, mas tomar, de abrigar hostilidade e autopiedade. A sua descoberta dessa vontade facilita grandemente o seu progresso. Você verá que existe uma lei envolvida que não o faz uma vítima inocente, que não o torna indefeso. O poder de criar a sua vida está todo ali. É um imenso poder quando parar de afastá-lo com o controle do ego.

Quando você começar a sentir a riqueza e o tesouro encerrados em seu interior, em cada um de vocês, meus amigos, quando externarem essa riqueza começará a viver. Só então começará a viver. Isso é possível, na realidade para todo e cada ser humano que está disposto a seguir estes passos. Descubra aquilo em você que não apenas se recusa a dar o seu melhor, mas que secretamente deseja dar o seu pior à vida e você terá a chave. Você terá a liberdade de escolha que jamais teve antes. Você as sentirá e trabalhará com elas real e profundamente; elas se mostrarão um limiar através do qual você pode passar. Passar para essa nova vida na qual é tudo diferente, vibrante de alegria e significado; na qual o medo e o vazio não têm lugar. Você pode se aproximar desse limiar compreendendo o que foi dito. Sim, porque essa compreensão liberará mais força de vontade na direção correta, mais energia, mais perspectiva, a sensação profunda do que a vida poderia ser e de como isso não é apenas uma teoria, mas uma experiência diretamente disponível e acessível bem no fundo do seu ser quando restabelecer o equilíbrio entre os processos involuntários e as funções do ego.

As palavras dadas esta noite, se forem verdadeira e profundamente sentidas e trabalhadas serão um portal, uma passagem através da qual podem se mover. Poderão se mover para esta nova vida onde tudo será diferente, vibrante de alegria e significado e onde o medo e o vazio não têm espaço. Podem se aproximar desta passagem entendendo isto. Este entendimento liberará mais força de vontade na direção certa, mais energia, mais visão, senso mais profundo de como a vida poderia ser não só como teoria, mas uma experiência acessível e disponível dentro de si mesmos quando restabelecerem o equilíbrio entre os processos involuntários e as funções do ego.

Sejam abençoados, meus amigos, estejam em paz, estejam em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.